PRODUZIR MAIS E AUMENTAR A PEGADA ECOLÓGICA? DEIXAR DE PRODUZIR PARA NÃO IMPACTAR? COMO A TECNOLOGIA, A INOVAÇÃO E FERRAMENTAS COMO ANÁLISE DE CICLO DE VIDA DE PRODUTO PODEM AJUDAR A MINIMIZAR ESTES DILEMAS?

CAROL PICCIN

# Novos padrões de produção e consumo

Tenho pensado muito em novos padrões de produção e consumo: a produção mais limpa, a sociedade querendo produtos mais sustentáveis e o governo incentivando para que isso aconteça. Será que é utopia?

Há uma forte relação entre o padrão de produção e consumo de um país e a sua pegada ecológica. Curiosamente, os países que possuem alto poder aquisitivo e as diferenças sociais não são tão significativas possuem uma pegada ecológica alta.

Pensando nas mudanças climáticas que estamos enfrentando, vários países se comprometeram a reduzir suas emissões de $CO_2$. Consequentemente, os setores e atividades econômicas desses países começam a contabilizar suas emissões. O Brasil, mesmo não assinando protocolos internacionais, ditou sua meta interna para redução de $CO_2$ em aproximadamente 35% até 2020 (neste caso específico, baseando-se nas emissões de 2005). Me preocupa o fato de que nossa economia está crescendo, créditos estão sendo cedidos, as pessoas vão se endividando, os recursos naturais também vão entrando em dívida, mas é uma dívida que provavelmente não será paga (vamos lembrar que a maioria dos recursos naturais não são infinitos - a água e os minérios entram nessa categoria). E a preocupação, neste caso, é que o consumo vai crescendo conforme a economia cresce.

Considerando que não queremos (pelo menos agora) parar o sistema produtivo, queremos desenvolver e continuar no nosso sistema capitalista, teremos então que investir na **tecnologia, inovação e em novos padrões de produção.**

Mas de nada adianta o setor produtivo melhorar se não sabemos o que de fato foi feito, para assim podermos fazer as escolhas sobre qual produto queremos. Seguindo este pensamento, começa-

PRODUZIR MAIS E AUMENTAR A PEGADA ECOLÓGICA? DEIXAR DE PRODUZIR PARA NÃO IMPACTAR? COMO A TECNOLOGIA, A INOVAÇÃO E FERRAMENTAS COMO ANÁLISE DE CICLO DE VIDA DE PRODUTO PODEM AJUDAR A MINIMIZAR ESTES DILEMAS?

CAROL PICCIN

# Novos padrões de produção e consumo

Tenho pensado muito em novos padrões de produção e consumo: a produção mais limpa, a sociedade querendo produtos mais sustentáveis e o governo incentivando para que isso aconteça. Será que é utopia?

Há uma forte relação entre o padrão de produção e consumo de um país e a sua pegada ecológica. Curiosamente, os países que possuem alto poder aquisitivo e as diferenças sociais não são tão significativas possuem uma pegada ecológica alta.

Pensando nas mudanças climáticas que estamos enfrentando, vários países se comprometeram a reduzir suas emissões de $CO_2$. Consequentemente, os setores e atividades econômicas desses países começam a contabilizar suas emissões. O Brasil, mesmo não assinando protocolos internacionais, ditou sua meta interna para redução de $CO_2$ em aproximadamente 35% até 2020 (neste caso específico, baseando-se nas emissões de 2005). Me preocupa o fato de que nossa economia está crescendo, créditos estão sendo cedidos, as pessoas vão se endividando, os recursos naturais também vão entrando em dívida, mas é uma dívida que provavelmente não será paga (vamos lembrar que a maioria dos recursos naturais não são infinitos - a água e os minérios entram nessa categoria). E a preocupação, neste caso, é que o consumo vai crescendo conforme a economia cresce.

Considerando que não queremos (pelo menos agora) parar o sistema produtivo, queremos desenvolver e continuar no nosso sistema capitalista, teremos então que investir na **tecnologia, inovação e em novos padrões de produção.**

Mas de nada adianta o setor produtivo melhorar se não sabemos o que de fato foi feito, para assim podermos fazer as escolhas sobre qual produto queremos. Seguindo este pensamento, começa-

mos a trabalhar um conceito que se chama **Análise do Ciclo de Vida.** É uma metodologia que analisa e contabiliza os impactos ambientais de um produto, procurando rastrear de onde vêm os componentes e por onde eles passam até chegar no consumidor. Esse assunto é um pouco mais complexo que esse roteiro, pois pode-se analisar também a reinserção desse produto no ciclo de vida novamente. Mas vamos ficar com o mais básico agora, a informação desse processo de vida do produto ao consumidor. A obrigatoriedade dessa **informação** é uma tendência.

A França lançou desde o começo de 2011 uma lei direcionando que os fabricantes incluam rótulos com informações de emissões de $CO_2$ sobre seus produtos. Dados como transporte utilizado, energia gasta, água consumida, resíduos gerados, entre outros, são contabilizados e convertidos na métrica $CO_2$.

Há uma rede de supermercados na Califórnia, EUA, que possui um sistema de rotulagem (Good Guide) on line que pode até ser baixado como aplicativo no telefone celular da marca Apple, o iPhone. Nesse sistema há informações sobre o produto no tocante aos seus impactos ambientais e também informações sobre a empresa fabricante.

Por aqui há a norma ISO 14.021 que direciona como podemos elaborar a rotulagem "verde". Com base nela, a Abre (Associação Brasileira de Embalagens) lançou no meio desde ano uma cartilha que traduz o "tecniquês" para orientar consumidores e fabricantes sobre este assunto. Há também o lançamento de selos para produtos com diferenciais ecológicos ou mais sustentáveis, porém é preciso entender quais são seus requisitos antes de se fazer uma escolha de compra por conta da existência deles.

A sociedade em geral já está mais atenta às questões ambientais e começa a ficar irriquieta com o greenwhashing, expressão usada para quando nos sentimos enganados com a propaganda. Já temos pessoas que usam os sites de relacionamento para exercitar uma espécie de fiscalização de promessas "verdes". Já começou o interesse por compras em estabelecimentos que garimpam fornecedores que façam jus aos apelos ambientais que ostentam em seus rótulos. A loja Mundo Verde, rede de produtos naturais, iniciou de certa forma este processo. A loja C&C, de materiais de construção, lançou uma rotulagem que nos informa impactos sociais e ambientais dos produtos. Há uma série de iniciativas focadas para a linha Fair Trade de comércio justo, onde os preços também são transparentes em toda a cadeia, desde a extração, produção, distribuição. Já existem algumas instituições que arriscam analisar produtos, cada uma à sua maneira, como Falcão Bauer e o selo ecológico, a ABNT e o rótulo ecológico, o Cradle to Cradle que promove o upcycling e está chegando no Brasil este ano, a MateriaBrasil, que possui um banco de dados de produtos mais sustentáveis com indicadores informativos. A MateriaBrasil acredita que a informação deve ser livre, para que cada vez mais surjam produtos e projetos sustentáveis no mundo. Assim, fica cada vez mais difícil manter a conversa de que é mais caro ser sustentável.

No lançamento da **Política Nacional de Resíduos Sólidos** surge a idéia da **logística reversa**, onde os distribuidores terão que devolver certas embalagens e produtos para a reciclagem ou aos fabricantes. Esse assunto vai transformar todo o planejamento do design e componentes, visando uma otimização. Precisamos entender os componentes dos produtos até para saber como reutilizá-los ou reciclá-los depois. Ou seja, fabricantes e distribuidores terão que se mexer e rápido. E a sociedade deve ficar mais atenta ainda para não cair em armadilhas enganosas. Estamos num bom caminho. ■

**CAROL PICCIN**
É SÓCIA DA MATERIALAB
WWW.MATERIALAB.COM.BR
CAROL@MATERIALAB.COM.BR